

XVII

HÁ LUGAR PARA O HOMEM TRANS E TRANSMASCULINES NO FEMINISMO?*

Thomas Victor Barreto Cardoso

As políticas femininas têm por objetivo acabar com a dominação e nos libertar para que sejamos quem somos - para viver a vida em um lugar onde amamos a justiça, onde podemos viver em paz -. O feminismo é para todo mundo (HOOKS, 2019a, p.167).

Introdução

Questionar os papéis de gênero nos trouxe a possibilidade de visibilizar novas identidades de gênero e debates sobre as sexualidades. Simone de Beauvoir diz, em sua obra *O segundo sexo*, publicada em 1949, “Não se nasce mulher, torna-se”, explicitando a construção social do gênero, abrindo a discussão sobre o que constituiria ser uma mulher ou um homem, para além da biologia.

Para a escritora e historiadora, Joan Scott (2019) o gênero é um elemento que constitui as relações sociais. Não negando a existência de diferenças entre corpos sexuados, a autora preocupa-se com o modo como tais diferenças são construídas socialmente e culturalmente entendendo que esses corpos ocupam espaços hierarquizados diante das relações de poder. O sexismo e o patriarcado, impulsionados pelo capitalismo, utilizam-se da distinção biológica entre macho e fêmea para sustentar a ideia de superioridade masculina, fragilidade feminina e, consequentemente, diferentes posições e funções sociais.

Pierre Bourdieu, sociólogo francês, ressalta, por sua vez, o quanto (1988, p.26)

A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica

*DOI - 10.29388/978-65-86678-12-3-f.273-288

entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença social construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho.

Essa naturalização não serve apenas para justificar a diferença social, como também para justificar a dominação masculina envolta na cultura falocêntrica.

O movimento feminista, especialmente o feminismo negro e o feminismo lésbico, trouxeram para o debate, para além da análise de gênero e papéis sociais, outras formas de opressão que estão intimamente entrelaçadas, ou seja, são as opressões relacionadas ao: racismo, classismo, heterossexismo, capacitismo, entre outras, que não são vivenciadas de forma isolada, não devendo, portanto, ser analisadas ou combatidas isoladamente. A noção de interseccionalidade, que já estava sendo discutida e trabalhada pelas feministas negras antes mesmo de ser estabelecido o conceito cunhado nos anos 1990, está cada vez mais presente nos feminismos da terceira onda.

A Teoria *queer*, que surge no final dos anos de 1980, com o objetivo de subverter normas sociais hegemônicas ligadas a sexualidade e gênero, tem como uma das principais colaboradoras Judith Butler, que introduz a ideia de performatividade de gênero. Para Butler o gênero não diz respeito a algo que somos, mas a algo que performamos através de repetições das normas sociais. A teoria *queer* torna-se essencial para os estudos pós-identitários e vivência de pessoas transgênero, travestis e pessoas não binárias (HOLLANDA, 2019). Abrindo, deste modo, espaço para o Transfeminismo, ou feminismo transgênero, que apresenta outra visão do sexismo, diversa da discriminação baseada no gênero que tende a colocar os homens como superiores às mulheres (SERRANO, 2012).

Muitas vezes mulheres e homens trans, travestis e pessoas não binárias, não conseguem se sentir representados dentro dos movimentos feministas que não contemplam o cissexismo em suas pautas, especialmente os homens trans/transmasculines¹ que buscam contribuir com a

¹ Ao longo do capítulo são utilizados os termos homens trans, transmasculinos e transmasculines. Isso se deve ao fato de entendermos as diferenças entre as identidades, mesmo que tendo em co-

luta feminista. Em alguns movimentos, existe o debate sobre o fato de os homens não poderem ser feministas, por serem vistos como opressores e se beneficiarem do sexismo. Essa retórica surge, não só através da mídia de massa conservadora, criando a imagem das feministas como “mulheres que odeiam os homens”, mas também através de algumas feministas brancas e burguesas que bell hooks intitula “mulheres individuais”, por não conseguirem partilhar dos mesmos privilégios de classe dos homens brancos e burgueses. Essa retórica se impõe, também, com homens de outras etnias e classes sociais que não compartilham dos mesmos privilégios, ao sugerir que homens se beneficiam do sexismo igualmente. Por isso devemos nos perguntar, a qual homem estamos nos referindo?

A maioria dos homens trans/transmasculines são socializados como mulheres por uma parte de sua vida, sofrendo com o machismo, sexismo, e demais opressões que fazem parte da luta feminista, e assim como as mulheres, podem vivenciar conscientemente, ou não, essas opressões. Eles não dispõem das mesmas oportunidades e privilégios masculinos, como os homens cisgêneros de sua raça e classe. Mas também se faz necessário dizer que, alguns homens trans/ transmasculinos reproduzem essas opressões, mesmo que já vivenciadas, em uma tentativa de se enquadrar na norma, ou validar sua identidade como homem.

A indagação que se coloca é: não poderiam esses homens trans/transmasculines constituírem-se como aliados para contribuir com uma educação feminista e antissexista nos círculos sociais ainda predominantemente ocupados por homens? Por exemplo, em espaços como uma conversa na mesa do bar, festa com os amigos, reuniões familiares, cerimônias religiosas, salas de aula, entre outros lugares, onde comentários sexistas, machistas e misóginos são frequentes? Não poderiam, esses homens trans/transmasculines, contribuir para repensar a masculinidade hegemônica?

Neste breve capítulo temos por objetivo a discussão do movimento feminista, e a importância do transfeminismo. Além de questionar o lugar dos homens e, principalmente, homens trans/ transmasculines dentro do movimento feminista.

mum a centralidade do masculino na identidade. Transmasculines incluem não só identidades transmasculinas binárias como também as não binárias.

Movimento feminista

O movimento feminista foi primordial na emergência da discussão sobre a opressão das mulheres ao denunciar o sexismo e o patriarcado. Segundo Bell Hooks (2019a, p.17) o “feminismo é um movimento para acabar com o sexismo, a exploração sexista e a opressão”. Ele se constituiu através de mulheres brancas, de classe média que buscavam a libertação da mulher diante do patriarcado e a igualdade de gênero em diversos âmbitos sociais, como o do trabalho e o político. Como intitulado por Bell Hooks (2019a), essas “mulheres individuais” protagonizaram o movimento, fazendo com que as mulheres de diferentes raças e classes permanecessem silenciadas. O discurso de “todas as mulheres são oprimidas”, acaba por implicar que

[...] as mulheres dividem um fardo comum, que fatores como classe, raça, religião, orientação sexual etc. não criam experiências distintas em que a intensidade da força opressiva do sexismo na vida da mulher varia de caso a caso [...] A ênfase feminina na ideia de "opressão comum" foi, nos Estados Unidos, menos uma estratégia de politização do que uma apropriação por parte de mulheres liberais e conservadoras de um vocabulário político radical, com que puderam mascarar seu trabalho de manipulação dentro do movimento, fazendo-o focar e promover seus próprios interesses de classe (BELL HOOKS, 2019b, p.32-33).

Em sua obra “O feminismo é para todo mundo” Bell Hooks (2019a, p.21) ressalta que

Pensadoras reformistas escolheram enfatizar a igualdade de gênero [...]. O pensamento feminista reformista [...] ofuscou as origens radicais do feminismo contemporâneo que pedia reforma e reestruturação geral da sociedade, para que nossa nação fosse fundamentalmente antissexista.

A falta de se pensar as opressões de gênero sem considerar raça, classe, sexualidade e outros marcadores trouxe uma série de fissuras den-

tro do movimento, denúncias de mulheres que não estavam sendo representadas, e sequer ouvidas, por um movimento que se pretendia feminista.

Já em 1851, na primeira Convenção dos direitos das mulheres *Women's Rights Convention* em Akron, Ohio (EUA), foi concebido o discurso memorável de Sojourner Truth, questionando o discurso feminista branco dizendo:

Aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, é preciso carregar elas quando atravessam um lamaçal e elas devem ocupar sempre os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para meu braço! Eu capinei, eu plantei juntei palha nos celeiros e homem nenhum conseguiu me superar! E não sou uma mulher? Eu consegui trabalhar e comer tanto quanto um homem – quando tinha o que comer – e também aguntei as chitotadas! E não sou mulher? Pari cinco filhos e a maioria deles foi vendida como escravos. Quando manifestei minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! E não sou uma mulher?²

O discurso de Truth denuncia a insatisfação das mulheres negras no feminismo branco e universal europeu e estadunidense. O feminismo negro se pôs a demonstrar que gênero não era a única forma de opressão sofrida pelas mulheres, que ainda sofrem com o racismo, o classismo e outras formas de violência as quais não deveriam ser pensadas de modo isolado, pois estão interligadas socialmente. Assim, Oliveira (2010, p.29) pontua que “não é possível estudar e intervir separadamente sobre pessoas que sofrem duplas e triplas experiências de discriminação assentes numa experiência de opressão marcada pelo gênero, classe e raça”.

Assim, novos feminismos foram surgindo, para pensar questões não presentes no feminismo branco e burguês, como o feminismo negro e o feminismo lésbico, principalmente. Oliveira (2010, p.28) afirma que:

² Discurso de Sojourner Truth (1851). Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/sojourner-truth-traz-duro-discurso-contra-invisibilidade/> >. Acesso em: 26 jul. 2020.

Estes modelos feministas permitiram que se começassem a trabalhar no feminismo a partir de noções mais inclusivas, introduzindo a raça e a cultura como balizas para pensar e para integrar mulheres, que antes não eram alvo do pensamento feminista. Ou, pelo menos, que não se reviam nestas propostas, quando aquilo a que Bell Hooks chama o feminismo branco, interpelava as mulheres.

Algumas ativistas do movimento de libertação das mulheres criaram uma retórica em que o homem era o opressor, o inimigo, e, portanto, não poderiam fazer parte do movimento feminista. bell hooks deixa claro em suas obras que a participação dos homens é fundamental para o movimento feminista, e também que:

[...] essa retórica reforçava a ideologia sexista ao fazer circular de uma forma invertida a ideia de um conflito básico entre os sexos, com a implicação de que o empoderamento das mulheres necessariamente se daria a expensas dos homens (HOOKS, 2019b, p.111).

É válido questionar essa retórica do homem como inimigo, ao se pensar sobre qual homem estamos falando. Algo que já estava sendo discutido por feministas negras, principalmente, por trabalharem a interseccionalidade dentro do movimento, ao dizer que ativistas da libertação não conseguiam reconhecer que mulheres brancas e burguesas, por mais que sejam vítimas do sexismo, ainda possuem mais privilégios e poder que homens negros e pobres (hooks, 2019b). O mesmo cuidado devemos ter a respeito das pessoas trans e travestis, que possuem vivências não discutidas dentro do movimento feminista anteriormente.

Transfeminismo

O movimento trans³, assim como os feminismos, questiona os papéis de gênero e, para além disso, passa a questionar as categorias de

³ Utilizando “trans” como um termo guarda-chuva para se referir a todes que não se identificam com o gênero imposto no nascimento, abarcando assim transexuais, transgêneros, não binários, entre outros.

feminilidade, masculinidade e naturalização do gênero pelo viés biologicizante. Contudo, determinadas pessoas trans não conseguem se enxergar dentro de um feminismo que não pontue a questão do cissexismo.

Muitas feministas, cisgêneras brancas, em sua maioria, seguem questionando a identidade de mulheres trans e travestis - no caso do Brasil - por terem sido designadas do gênero masculino ao nascer, e como ressaltado por Julia Serano (2012)

No passado, essas feministas rejeitavam o feminismo trans, descrevendo os homens trans como ‘traidoras femininas’ que fazem a transição para obter privilégios masculinos e as mulheres trans intituladas de “homens” que fazem a transição para se infiltrar nos espaços femininos. Embora essa retórica tenha diminuído um pouco ao longo dos anos, algumas feministas ainda argumentam que as mulheres trans não tem o direito de participar do feminismo porque não éramos socializadas como mulheres ou porque nos beneficiamos do privilégio masculino no passado [tradução nossa].⁴

Jaqueline de Jesus afirma em seu livro “Transfeminismo” que “O discurso universalista só funciona quando os diferentes sujeitos de fala têm o mesmo poder, quando os privilégios são retirados. De outro modo, torna-se um recurso retórico para a manutenção de desigualdades -‘um democratismo’” (JESUS, 2015, p.23). Tendo em vista que o objetivo do feminismo, como colocado por bell hooks (2019a, p.17) “[...] é acabar com o sexismo, a exploração sexista e a opressão”, outros feminismos surgem com um olhar interseccional, herdado do feminismo negro, colocando em análise outras formas de sexismo, uma discriminação de gênero onde homens são mais legitimados que as mulheres, como cis-

⁴ “*In the past, such feminists have dismissed trans feminism, depicting trans men as being ‘female’ traitors who transition to attain male privilege and trans women as being entitled ‘men’ who transition in order to infiltrate women’s spaces. While this rhetoric has mellowed somewhat over the years, some feminists still argue that trans women have no right to participate in feminism because we were not socialized female, or because we may have benefited from male privilege in the past.*”

sexismo, monosexismo⁵, heterossexismo⁶, entre outros.

Esses feminismos reconhecem as diversas formas de sexismo, e outras formas de opressão na sociedade, como o racismo, classismos e o capacitismo. Assim como o feminismo negro tem ressaltado há anos, que não se pode construir um movimento visando apenas uma das formas de opressão, criando um discurso de “opressão comum”, pois

[...] isso implica dizer que as mulheres dividem um fardo comum, que fatores como classe, raça, religião, orientação sexual etc. não criam experiências distintas em que a intensidade da força opressiva do sexismo na vida da mulher varia de caso a caso [...] A ênfase feminina na ideia de ‘opressão comum’ foi, nos Estados Unidos, menos uma estratégia de politização do que uma apropriação por parte de mulheres liberais e conservadoras de um vocabulário político radical, com que puderam mascarar seu trabalho de manipulação dentro do movimento, fazendo-o focar e promover seus próprios interesses de classe. (hooks, 2019b, p.32-33)

Dentre os feminismos da terceira onda que adotam uma abordagem interseccional para desafiar o sexismo e a opressão está o transfeminismo. O transfeminismo, ou feminismo transgênero, “[...] surge como uma crítica ao cissexismo⁷ ou dimorfismo e à falha do feminismo de base biológica em reconhecer plenamente o gênero como uma categoria distinta da de sexo e mais importante do que esta para o entendimento dos corpos e das relações sociais entre homens e mulheres.” (JESUS & HAILEY, 2012, p. 14).

Ainda em formação, o pensamento transfeminista, surge no mundo cibernético, através de discussões em grupos de *Facebook* e *Blogs*

⁵ Entendemos o monossexismo como sistema ideológico que reconhece apenas pessoas que são atraídas exclusivamente por membros de um único sexo, invisibilizando e invalidando bissexuais, pansexuais e outras orientações sexuais.

⁶ Entendemos o heterossexismo como um sistema ideológico que invalida, deslegitima e estigmatiza qualquer comportamento, orientação, relações e comunidades não heterossexuais.

⁷ O cissexismo é definido por Jesus (2012a, p.30) como uma “Ideologia, resultante do binarismo ou dimorfismo sexual, que se fundamenta na crença estereotipada de que características biológicas relacionadas a sexo são correspondentes a características psicossociais relacionadas a gênero”.

como *Transfeminismo*⁸, e outros espaços onde pessoas trans puderam debater questões sobre feminismo e transgeneridade, pensando as pautas transfeministas.

O transfeminismo reconhece a interseção entre as variadas identidades e identificações dos sujeitos e o caráter de opressão sobre corpos que não estejam conforme os ideais racistas e sexistas da sociedade, de modo que busca empoderar os corpos das pessoas como eles são (incluindo as trans), idealizados ou não, deficientes ou não, independentemente de intervenções de qualquer natureza; ele também busca empoderar todas as expressões sexuais das pessoas transgênero, sejam elas assexuais, bissexuais, heterossexuais, homossexuais ou com qualquer outra identidade sexual possível (JESUS & ALVES, 2012, p. 15).

Em junho de 2020, durante uma *live stream*, a filósofa e ícone da luta pelos direitos civis, Angela Davis, trouxe a importância da participação das pessoas trans no movimento feminista. Durante a *live* ela diz:

[...] O feminismo do qual falo não respeita a estrutura binária de gênero e reconhece que a contribuição da comunidade não binária é muito importante, não apenas para apontar os problemas reais que precisam da nossa atenção. Claro, muitos de nós já sabemos que mulheres trans negras são alvos de violência racista, mais que qualquer outra comunidade. Nós estamos falando de violência do estado, violência individual, de estranhos e de violência íntima. Então, se queremos desenvolver uma perspectiva interseccional, a comunidade trans está nos mostrando o caminho. E nós não podemos apontar apenas para [...] E nós precisamos apontar para casos como dos assassinatos de Tony McDade⁹ por exemplo. Mas nós temos que ir além disso e reconhecer que nós apoiamos a comunidade trans justamente porque essa comunidade tem nos ensinado como desafiar tudo aquilo que é aceito como normal. E não acredito que estaríamos onde estamos hoje, encorajando cada vez

⁸ Disponível em: <<https://transfeminismo.com/>>. Acesso em: jun. 2020.

⁹ Homem trans negro assassinado por policial durante operação em 27 de maio de 2020, nos Estados Unidos.

mais pessoas a pensar com um ponto de vista abolicionista, se a comunidade trans não tivesse nos ensinado que é possível desafiar de forma efetiva aquilo que fundamenta nossa noção de normalidade. Então, se é possível desafiar o binarismo de gênero, com certeza, nós podemos mostrar resistência a prisões, cadeias e a polícia [...].¹⁰

O transfeminismo também se concentra no cissexismo institucionalizado sofrido pelas pessoas trans. O cissexismo se reflete na vida desses indivíduos trans ao buscarem emprego, atendimento de saúde, discriminação por parte de instituições, e até mesmo, na frequência em que são alvos de assédio e violência (Serano, 2012). Mas assim como o sexismo e demais formas de opressão, Serano (2012) vai dizer que “O cissexismo também se cruza com outras formas de marginalização - por exemplo, as vítimas de violência transfóbica são predominantemente pessoas trans, que são pobres, que são de cor e / ou no espectro feminino / feminino trans”. A autora pontua que algumas feministas continuam com o discurso de que mulheres cisgêneras são mais oprimidas, ou que o sexismo é pior que o cissexismo ou heterosexismo. Entretanto, o objetivo do movimento feminista não é fazer uma competição de opressão, e sim desafiar o sexismo social e todas as demais formas de dominação.

Jesus & Alves (2012) apontam que o cissexismo não só afeta pessoas trans, mas também outras pessoas que estão fora do padrão, como “mulheres histerectomizadas e/ou mastectomizadas e homens orquiectomizados e/ou “emasculados” por motivos de saúde, como o câncer”. Apesar de o gênero, hoje, ser entendido como uma construção social, ainda há muito para se discutir sobre diversas naturalizações que cerceiam os sujeitos e seus corpos.

A discussão trazida pelo movimento feminista acerca das opressões e papéis sociais foi apenas a ponta do *iceberg* na luta contra o sexismo e patriarcado.

Jesus & Alves (2012) entendem que o feminismo conservador reforça o discurso de que “mulheres de verdade” possuem vagina e útero,

¹⁰ Disponível em: < <https://youtu.be/CMIUjgZi-sI> >. Acesso em: jun. 2020.

podem engravidar, e outras palavras cisgêneras. E os homens “de verdade” possuem pênis e testículos. Invalidando, assim, as mulheres trans e travestis, e homens trans, por não terem a correspondência sexo biológico e gênero, algo criticado pelo próprio feminismo.

O movimento trans tem ganhado força e visibilidade, ao lutar por suas necessidades e especificidades, que não são contempladas pelo feminismo ou pelo movimento LGBT por serem movimentos massivos que detém o foco em necessidades genéricas. E buscando a conquista de políticas públicas e ocupação de espaços majoritariamente ocupados por pessoas cisgêneras, como a Academia, e tantos outros lugares, onde seus corpos e vivências são estudados e colocados em pauta em espaços que sequer ocupam.

Ainda que o Transfeminismo seja um movimento em formação, levanta diversas indagações a respeito do lugar dessas pessoas dentro dos movimentos sociais. Algo ainda pouco discutido e estudado é o papel do homem dentro do feminismo. Pode o homem ser feminista? Visto que um homem não entenderia a opressão sofrida pelas mulheres, e não saberia reconhecer seus benefícios e privilégios dentro do sistema patriarcal, mesmo que ilusório e desigual até mesmo entre homens cisgêneros. Mas de que homem estamos falando?

Segundo bell hooks (hooks, 2019a, p14) os homens são quem mais se beneficiaram e se beneficiam do patriarcado, pela visão sexista de que são superiores às mulheres e, portanto, autorizados a dominá-las. Mas em troca dos privilégios do patriarcado é exigido que dominem, explorem e oprimam as mulheres, fazendo uso de violência, se necessário, para perpetuar o poderio.

No entanto, esses privilégios do patriarcado causam sofrimento psíquico aos homens por tentarem alcançar um ideal de masculinidade inatingível. HOOKS (2019a, p.118) aponta que

[...] é verdade que os homens não são explorados ou oprimidos pelo sexismo, mas também existem formas pelas quais eles acabam sofrendo em razão disso. Esse sofrimento não deveria ser ignorado. Embora isso de modo algum diminua a seriedade dos abusos e da opressão masculina contra as mulheres ou negue a

responsabilidade masculina pelos atos de exploração, a dor que os homens experimentam pode servir como um catalisador, chamando a atenção para a necessidade de mudança.

Desde a década de 1940 começamos a entender a pluralidade social, que tenta sempre se concentrar em algo universal, mas dela surgem as fragmentações das diferenças sociais, como as masculinidades, feminismos, identidades, categorias que antes eram consideradas unas. Não existe apenas um homem, apesar da figura expressa pela masculinidade hegemônica, que é construída pelo patriarcado. Existem, apesar do sistema patriarcal, homens no plural, que são diversos assim como as mulheres.

Uma das urgências trazidas pelo movimento feminista, a partir dos anos 1970, foi a necessidade de se discutir masculinidades. Era, e ainda é, necessário que os homens discutam seus ideais do que é ser um homem, e o quanto esses ideais podem ser violentos e inatingíveis. O patriarcado constrói uma imagem de masculinidade hegemônica que institui a insensibilidade, legitima a violência, e com o sexismo constrói a ideia de superioridade. Portanto, desde antes do nascimento, meninos e meninas são cercados de instrumentos e comportamentos que solidificam noções hegemônicas de feminilidade e masculinidade, em que meninos devem ter um determinado comportamento, linguagem e postura, que se diferencia das mulheres, a fim de legitimar sua masculinidade/feminilidade. Indivíduos que fogem a essas normas dos papéis sociais são alvos de pedagogias corretivas.

Discutir masculinidades é importante para questionar a imposição dos papéis de gênero, os comportamentos sexistas e violentos, que são praticados diariamente e, muitas vezes, de forma inconsciente.

O que foi e é necessário é uma visão de masculinidade em que a autoestima e autoamor da pessoa, que é única, formam a base da identidade. Culturas de dominação atacam a autoestima, substituindo-a por uma noção de que obtemos nosso senso de ser a partir do domínio do outro. Para mudar isso, os homens devem criticar e desafiar a dominação masculina sobre o planeta, sobre homens

menos poderosos e sobre mulheres e crianças. (HOOKS, 2019a, p.106-107)

Embora os homens, em geral, se beneficiem do sexismo, a maior parte deles ganha muito pouco com isso, porque não fazem parte do modelo de masculinidade hegemônica fundamentado na supremacia branca e burguesa. Homens que não seguem o modelo de masculinidade hegemônica, ou seja, que não estão dentro do padrão branco, hétero, classe média, entre outros marcadores, sofrem as consequências da manutenção sexista e desigual (CONNEL,1995). Pensar as masculinidades abre espaço para se discutir o peso dessas cobranças patriarcais heteronormativas sobre seus corpos, relações e comportamentos.

No que diz respeito aos homens trans, essas pressões recaem diretamente sobre seus corpos, levando-os a, muitas vezes, buscar por procedimentos estéticos e/ou cirúrgicos para uma adequação desse corpo ao esperado pelo *sistema* patriarcal, ou seja, sistema patriarcal que favorece indivíduos cisgêneros. Não são todos os homens trans que fazem os procedimentos para obter uma aparência tida como masculina, como cirurgias de mastectomia, hormonização e outros. Alguns passam por gestações, abortos, estupros corretivos, e invalidação identitária por não corresponderem às expectativas da masculinidade hegemônica. Mesmo que esse homem trans tenha a chamada passabilidade ele possui uma experiência diferente de opressão em relação a homens cisgênero diante do patriarcado.

Em suas obras Bell Hooks defende a participação dos homens no feminismo, dizendo que a conscientização feminista para os homens é tão importante quanto para as mulheres, e que, se o feminismo tivesse atingido grupos de homens, para ensinar garotos e homens sobre o que é sexismo e a importância de sua transformação, a mídia não teria conseguido perpetuar o discurso de um movimento anti-homem (BELL HOOKS, 2019b).

E ao que diz respeito aos homens trans/transmasculinos? Bell Hooks defende a ideia de que, enquanto os homens não assumirem suas responsabilidades na luta pelo fim do sexismo, o movimento feminista continuará refletindo as contradições sexistas que tem tentado destruir.

Estes homens (trans), geralmente, quando ainda socializados como mulheres, têm um contato maior com o feminismo por estarem também a mercê da opressão patriarcal. Um ponto importante colocado ainda por Bell Hooks (2019b, p.125), em relação aos homens, do qual faço uma leitura no contexto trans, uma vez que quando escrito por ela, a discussão sobre transgêneros em movimentos sociais ainda não estava sendo muito discutida, é quando ela diz que:

O feminismo é politicamente relevante para as massas das mulheres que diariamente interagem com os homens, tanto no âmbito público quanto no privado, para se discutir formas mediante as quais essa interação pode ser trabalhada e modificada, de tal modo que neutralize os elementos negativos produzidos pelo sexismo. As mulheres que diariamente estão em contato com os homens precisam de estratégias úteis que lhes permitam trazer o feminismo para dentro de suas vidas cotidianas.

Penso que seria de grande contribuição ao movimento feminista que homens trans/ transmaculinos, que estão de certa forma inseridos em espaços onde homens se sentem mais seguros para discutirem certos comportamentos, ou mesmo espaços onde homens se sentem obrigados a perpetuar um comportamento estereotipado do “macho alfa”, usem dessas estratégias para levar discussões sobre feminismo, masculinidades, e até mesmo gênero e sexualidades. Além de levar o próprio movimento de homens trans a discutir questões ligadas a gênero, sexualidades, feminismo e estratégias de transformação, criando um afastamento da reprodução dessas opressões e estratégias do patriarcado.

O transfeminismo, ainda se consolidando, tende a trazer discussões de extrema importância para o movimento feminista, como uma oportunidade de reestruturação para se pensar em novas estratégias de erradicação das opressões. Na pluralidade em que vivemos hoje, se faz necessário questionar de quem/e para quem estamos falando, saindo de uma visão unilateral e universal. Compreendendo, ainda que toda e qualquer construção social vai se modificar com o tempo, espaço e cultura e,

assim, precisa ser constantemente desconstruída e reconstruída, para que possa atingir os interesses da maioria, que não é branca e burguesa.

Referências

- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 2019.
- CONNELL, Robert. **Políticas da Masculinidade**. Educação Realidade, Porto Alegre. v.20, n.2, 1995.
- GOMES DE; ALVES, Hailey. Feminismo transgênero e movimentos de mulheres transexuais. JESUS, Jaqueline **Revista Cronos**, v. 11, n. 2, 2010.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque (org). **Pensamento feminista** - conceitos fundamentais, Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2019.
- HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras/bell hooks**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019a.
- _____. **Teoria Feminista: Da margem ao centro/ bell hooks**. São Paulo: Perspectiva, 2019b.
- JESUS, Jaqueline Gomes de. Feminismos Contemporâneos e Interseccionalidade 2.0: Uma contextualização a partir do pensamento transfeminista. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 1, n. 1, 2018.
- _____. Feminismo e identidade de gênero: elementos para a construção da teoria transfeminista. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 10. **Anais Eletrônicos**, Florianópolis, 2013.
- _____. **Orientações sobre Identidade de Gênero: Conceitos e Termos**. 2. ed. Brasília: Fundação Biblioteca Nacional, 2012a.
- JESUS, Jaqueline Gomes. et. Al. **Transfeminismo: teorias e práticas**. Rio de Janeiro: Metanoia, 2015.
- OLIVEIRA, João Manuel de. Os feminismos habitam espaços hifenizados-a localização e interseccionalidade dos saberes feministas. **Ex aequo**, n. 22, p. 25-39, 2010.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: Holanda, H. B. (org). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2019.

SERANO, Julia. **Trans feminism: there's no conundrum about it**. Ms. Blog, abril, 2012. Disponível em: <<https://msmagazine.com/2012/04/18/trans-feminism-theres-no-conundrum-about-it/>>. Acesso em: 21 jul. 2020